

Corsan Aegea

Área: abastecimento, coleta e tratamento de esgoto

Meta

Entre as metas ambiciosas da Aegea, controladora da Corsan, está o desafio de, até 2030, reduzir em 15% o consumo específico de energia (medido em kWh/m³) em suas operações, meta vinculada à emissão de Sustainability-Linked Bonds (SLB), uma operação inédita para empresas de saneamento no Brasil.

Conquistas

Atualmente, 98% da energia consumida pela companhia já provém de fontes renováveis. Em parceria com a Elera Renováveis, desde janeiro deste ano, o complexo fotovoltaico em Janaúba/MG, o maior do Hemisfério Sul, fornece 144 MWp para a Corsan, o que representa 85% do consumo da companhia. Também houve investimento em geração solar fotovoltaica com usinas em Itaqui e Tapes, esta última com previsão de início em dezembro de 2025. Juntas, essas usinas serão responsáveis por compensar 29%

do consumo de baixa tensão.

Entre os projetos de Geração Distribuída em operação, destaca-se a usina de biomassa em Itaqui, que utiliza casca de arroz. Por causa desses projetos, a transição da Corsan para uma matriz energética 100% limpa deve ser concluída até o final de 2025.

Outros destaques

Ganho de eficiência de cerca de 7% na distribuição de água após a pesquisa, identificação e eliminação de 23 mil vazamentos em mais de 25 mil quilômetros de extensão de redes. Redução das perdas aparentes causadas por fraudes, submedição e ocupações irregulares com a troca média diária de cerca de mil hidrômetros. Automação de 50% dos processos contribuindo na redução de 40% dos cerca de 20 mil vazamentos mensais já em 2024. Meta é atingir 100% nos próximos cinco anos. Economia de 30 milhões de metros cúbicos de água por ano com a modernização dos sistemas de distribuição de água.

O Programa Vem Com a Gente leva orientação e serviços de saneamento a comunidades vulneráveis, regularizando o abastecimento e promovendo o uso consciente da água. Implementado em fevereiro do ano passado, em Alvorada, o programa já atendeu cerca de 78 mil moradores dos bairros Umbu, Industrial e Piratini e a expectativa é de que mais de 250 mil sejam beneficiadas em 11 bairros nos próximos dois anos.

Respeito Dá o Tom é um programa de diversidade e igualdade racial criado em 2017 pelo Grupo Aegea, cuja meta, até 2030, é o aumento de 17% para 27% da representatividade de talentos negros em cargos de liderança e de 32% para 45% a participação de mulheres na liderança.

O Programa Jovem Aprendiz Aquarela é a primeira formação de aprendizes em saneamento da história da companhia, com dois cursos técnicos: Gestão Ambiental e Eletromecânica. Em parceria com o Instituto Pão dos Pobres e o Senai, a primeira edição teve 42 jovens inscritos em janeiro. Serão dois anos de aulas.

Proamb

Área: engenharia ambiental, gestão ambiental e desenvolvimento de soluções sustentáveis

Meta

A mitigação da pegada de carbono é a maior meta. A empresa criou o selo "Proamb Reconhece", que certifica a redução das emissões de gases de efeito estufa de clientes por meio do coprocessamento. O processo ocorre nos fornos da indústria cimenteira, onde o CDR (Combustível Derivado de Resíduos) da própria empresa substitui parcialmente o coque de petróleo na queima do clínquer. Essa substituição elimina passivos ambientais e reduz em mais de 15% as emissões de gases. Durante a 10ª edição da Fiema Brasil, a ProAmb

reconheceu os 50 principais clientes que destinaram, de forma responsável, mais de 100 toneladas de resíduos para coprocessamento em um único ano.

Conquistas

Em 2024, a empresa realizou o primeiro inventário de Gases de Efeito Estufa (GEE) da unidade de blendagem para coprocessamento. As informações foram submetidas ao Registro Público de Emissões da FGV, plataforma que divulga dados reportados voluntariamente por empresas com base em metodologias reconhecidas internacionalmente, como o GHG Protocol. Como resultado, conquistou o Selo Prata para essa unidade de negócio.

Outros destaques

Mais de 150 mil metros cúbicos de resíduos foram descaracterizados e eliminados do meio ambiente, sem destinação em aterros.

Foram substituídas mais de 25 mil toneladas de coque de petróleo por combustível derivado de resíduos, contribuindo diretamente para a economia de combustíveis fósseis.

A empresa evitou que mais de 70 mil m³ de resíduos fossem dispostos de forma inadequada, garantindo a segurança do solo e da água.

Redução de mais de 30 toneladas de CO2 nas operações, graças ao uso exclusivo de energia elétrica de fontes limpas e renováveis.

100% dos efluentes laboratoriais gerados foram tratados.

ENTREVISTA

Líderes são decisivos para impacto ambiental positivo de negócios

ISABEL WHITAKER/IDEIA SUSTENTÁVEL/DIVULGAÇÃO/JC



Segundo Voltolini, adotar a agenda ESG não depende de ter mais ou menos recursos

LORAINÉ LUZ

A sustentabilidade empresarial passou por um salto de visão nos últimos 15 anos. Primeiro, sob o conceito de responsabilidade social, os líderes se contentavam em apenas compensar os impactos sociais e ambientais de suas empresas. Há 10 anos, passaram a atuar para zerar os impactos. Nos últimos cinco, sob a expansão do ESG (sigla em inglês para Ambiental, Social e Governança), surgiu a ideia de deixar um resultado positivo para meio ambiente e sociedade – o conceito de regeneração.

O resumo temporal é feito por Ricardo Voltolini, CEO da consultoria Ideia Sustentável, fundador da Plataforma Liderança com Valores e autor de livros como "Vamos Falar de ESG? - Provocações de um pioneiro em sustentabilidade empresarial" (Editora Voo, 2021) e "Conversas com Líderes Sustentáveis" (Senac, 2011).

Nos primeiros casos, destaca, as empresas estavam motivadas pela convicção (movimento de dentro para fora) de fazer diferença para um mundo melhor. Nos tempos de ESG, o movimento acontece por conveniência (pressão dos mercados e regulações) ou por constrangimento (pressão dos parceiros de negócio e clientes). "Nesses dois últimos casos, as empresas procuram fazer o mínimo para atender aos protocolos. Seus líderes não incorporam ESG à estratégia do negócio, procrastinam decisões que envolvem investimento presente, abrem mão de planejamento e não assumem compromissos

com ações, metas e métricas", avalia.

Jornal do Comércio – Quais os maiores entraves que as empresas brasileiras ainda enfrentam para incorporar o ESG de forma autêntica e estratégica – e não apenas como discurso?

Ricardo Voltolini – Segundo o argumento das empresas resistentes ao tema em todo o mundo, a agenda ESG impõe burocracia, custo e desperdício de foco e energia que poderiam ser melhor utilizados para gerir o negócio. A principal reclamação é que as regulações pró-ESG e o seu pacote de obrigações (metas, métricas, compromissos) sobrecarregam as empresas e prejudicam a atividade econômica em tempos de crise. Isso explica o atual movimento anti-ESG, nascido nos Estados Unidos, mas com seguidores no Brasil, que resiste a ideias consideradas boas como a diversidade, equidade e inclusão, o uso de energias renováveis, o controle preventivo da cadeia de fornecimento e a descarbonização das operações. Um grande entrave à melhor incorporação no ESG nos negócios se refere ao pensamento econômico predominante nas empresas. Reprodutores de ideias da Escola de Chicago, do século passado, os líderes atuais ainda trabalham para obter a maior receita possível no menor tempo possível e ao menor custo possível. O problema é que não se consegue combinar menor tempo com menor custo sem deixar um enorme rastro de externalidades, como mudanças climáticas, esgotamento de recursos naturais